

CLEPUL
em Revista

6

Setembro de 2015

No centenário da morte de Ramalho Ortigão

«Tive na puberdade uma febre escarlatina e foi na convalescença dessa enfermidade que minha mãe me deu a ler um livro de Garrett – as *Viagens na minha terra*. Ficou-me de cor, penetrou-me inteiramente, entrou-me para assim dizer na composição do cérebro e na massa do sangue esse livro de um encanto tão sugestivo e tão avassalante. Então se fez em mim o clarão mais estranho. Então compreendi, e vi, que fora das courelas da minha família – pelo lado físico, fora dos hábitos dos meus amigos – pelo lado moral, havia um mundo novo: um poder mágico – o da evocação artística; e do decorrer dessa paisagem do Ribatejo, tão penetrantemente portuguesa, tão aviventada de ideias e de sentimentos, na Alhandra, em Vila Franca de Xira, no Cartaxo, no Vale de Santarém, ondulada de searas, verdejante de

vinhas, gorjeada de rouxinóis, no murmúrio das azinheiras e dos olivais, uma noção nova me veio – a noção da pátria. Desde esse dia – agora o compreendo bem – o meu destino estava fixado. Bom ou mau, eu tinha de ser fatalmente um escritor.»

Em busca de ‘um mundo novo’ foi, pois, o projecto ramalhiano, identificado com ‘a noção da pátria’ artisticamente evocada. A vida pública resumiu-se, quase unicamente, à engrenagem jornalística e editorial. *As Farpas* merecem justo destaque.

Na autobiografia escrita em 1891 no álbum de seu filho e publicada n’*O Primeiro de Janeiro*, a 1 de Outubro de 1915¹, lemos, a abrir:

«Fui criado até aos 7 anos de idade como um pequeno saloio, na casa de lavoura de minha avó materna.

Minha avó era viúva e vivia do amanho das suas terras com as mi-

nhas duas tias solteiras. Os homens da casa eram meu padrinho, Frei José do Sacramento, irmão de minha avó, e Manuel Caetano, que desde os 18 anos de idade acumulara o serviço militar com o da casa da minha família. Tinha na fardeta, quando eu era pequeno, cinco divisas correspondentes a 50 anos de serviço. Fizera a campanha da Península e batera-se contra os franceses, tomando parte na famosa batalha do Buçaco que ele próprio me descreveu no lugar da acção quando me acompanhou a Coimbra, onde fui fazer os exames de preparatórios e matricular-me em Direito aos 14 anos de idade.»

Ao lado do soldado, a imagem do freire:

«Meu padrinho conservava nos seus hábitos o horário do Convento. Levantava-se à meia-noite. Barbeava-se às escuras, dava uma volta à casa e tornava a deitar-

¹ Agora acessível em *Costumes e Perfis*, 1944, p. 137-143, volume integrado nas Obras Completas de Ramalho Ortigão editadas pela Livraria Clássica Editora.

-se para se erguer definitivamente ao romper do dia. O seu quarto tinha o extremo asseio e a ordem meticolosa de uma cela. Durante todo o Inverno o perfumava invariavelmente um grande ramo de violetas. Fora um pregador distinto e tinha sido capelão de D. Pedro IV. [...] As suas gavetas eram uma maravilha de arranjo. Abancava quotidianamente durante oito ou dez horas no vão de uma janela, em cujo peitoril havia uma meridiana, e escrevinhava sempre.»

Vai, neste trecho, a capacidade de observador que será ponto de honra no nosso artista. Ainda, a homologação do seu próprio percurso, incluindo os pormenores domésticos, como aqueles vasos de flores no telhado da casa, ou o canário à janela, na Calçada dos Caetanos, em Lisboa, onde viria a morrer em 27 de Setembro de 1915. Da sua água-furtada pomalina, que tomara para gabinete de trabalho, dizia o genro Eduardo

Burnay que parecia «a cela de um beneditino». Era o efeito de verdade numa vida que ele assim definiu:

«Quanto mais envelheço mais me capacito da profunda influência que tiveram na formação do meu carácter e em todo o meu destino esses dois velhos que foram os mais íntimos companheiros da minha infância e que eu enternecidamente amei. Fiquei para todo o sempre – intimamente o reconheço – um tanto frade, um tanto soldado. Ficaram-me de pequeno indestrutíveis gostos de ordem, de disciplina, de solidão.»

Haverá o seu quê de exagero nesta notação de um ser solitário que se ultrapassou em milhentos contactos cá dentro e lá fora ou aceitou parcerias no que há de mais entranhadamente pessoal – a criação literária. Fé-lo com Eça de Queirós, um amigo do peito, mas também com Rafael Bordalo Pinheiro e outros. Já o discurso da ordem, na frase e no tecido social, ou a defesa de uma nova disciplina

para a salvaguarda do corpo pátrio, são valores basilares quando se pensa em Ramalho, industriado, desde a infância, nessa conjugação de alma sã em corpo são entretanto representadas na figura paterna, que introduz na sequência:

«As conversações da casa versavam frequentemente sobre episódios do cerco do Porto em que meu pai se batera como primeiro-tenente do regimento de artilharia 3 e sobre casos da revolução de 20, da guerra em Espanha e da invasão francesa, factos em que mais ou menos se haviam envolvido todas as pessoas da minha família.»

Com efeito, assim era. Em carta a Luís Augusto Palmeirim, escrita a 2 de Março de 1867, dizia ele:

«Vou no Inverno próximo a Paris e desejava muito levar a Cruz da Ordem de Cristo na casa da minha casaca. Meu avô é condecorado pelos seus serviços feitos com o seu trabalho e a sua espada. Meu pai, que

tinha o meu nome, era aluno do Colégio Militar e 1.º tenente de artilharia; saiu de Lisboa, onde vivia vida airada, e foi, depois de fechadas as linhas, apresentar-se ao imperador no cerco do Porto [...]. Nunca recebeu nem requereu uma cruz. Talvez isto seja razão – pretexto pelo menos – para condecorar o neto e o filho, que alguns dizem ser um literato e um escritor distinto.»

O pai, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, de origem alentejana e algarvia, casara com Antónia Alves Duarte Silva, de Paranhos, sendo o nosso José Duarte Ramalho Ortigão, nascido a 25 de Novembro de 1836, o mais velho de nove irmãos. Registado na freguesia de Santo Ildefonso, elege a quinta de Germalde como lugar de travessuras menineiras e de mágica evocação, numa das *Crónicas Portuenses* (“A Festa do Natal”, 27-XII-1865):

«Quando eu era pequeno nunca se falou em *árvore de Natal* na minha casa.

As únicas árvores que se conheciam eram as árvores do quintal, mas essas – sem com isso querer elogiar a gente da minha criação – conheciam-se a preceito: a todas tínhamos medido a altura com as costas, em duas distintas épocas do ano – no tempo dos ninhos e no tempo da fruta.

Oh! Que entusiástica alegria essa, que eu ainda hoje agradeço do mais íntimo da minha alma às venerandas árvores da quinta da minha avó, [...].»

O mesmo pai configurava a linhagem espiritual do tio-avô frei José do Sacramento enquanto educador, já dirigindo o Colégio da Real Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, cujos estatutos subscreve e edita em 1841.

Em sonhos de campanha, bebendo ordem e disciplina, ministrando-se o saber familiar e as lições do grande livro da natureza, aos olhos palpável, assim se organiza um entendimento que aguardava o toque sensível: aconteceu na puberdade por culpa de

Almeida Garrett. Outras viagens na nossa terra fará Ramalho, a Garrett devendo ainda, nos primeiros anos de escritor, o desenvolvimento de uma apetência por «um certo género de celebridade: que as mulheres me lessem, me olhassem com simpatia». Natural pretensão no tipo de autor que ele começava por ser, e em que foi nome cimeiro – isto é, folhetinista –, essa a única declarada ambição, pois «nunca tive outra, sendo completa e absolutamente indiferente ao aplauso das academias, aos prémios oficiais, a toda a espécie de honras e de dignidades públicas. Mais tarde», acrescenta, “esvaiu-se esse mesmo desejo de ser lido com simpatia por mulheres lindas, e o meu único prazer de escrever está na minha própria escrita, quando raramente numa ou noutra linha consigo fixar a imagem dum sentimento verdadeiro, transmitir uma emoção sincera.»

Resta que, estudante passageiro em Coim-

bra – que lhe não roubou «duas qualidades eminentes, de grande resultado moral, raras nos seus contemporâneos: não é bacharel e tem saúde», segundo o seu futuro aluno Eça de Queirós –, passa Ramalho a mestre de francês no colégio da Lapa, callhando neste apartado a evocação que dele faz um outro aluno, Ricardo Jorge (*Ramalho Ortigão*, 1915, p. 5-10):

«Ramalho mestreava o francês; estava no vigor dos trinta anos quando eu, petiz de oito, me sentava em 1866 nos bancos rasos da aula onde dava a lição, [...].

Froixo e negligente, poupava-nos ao menos as unhas à palmatória; raro brandia, e nunca humanamente além de duas palmatoadas, aquele descomunal *corrector* da Lapa, o terror da minha geração, [...].

Estou a ver-lhe o corpanzil alto, espadaúdo e desempenado, caminhando de cabeça erigida, passada lesta e meneio rasgado [...]. Encadernado a primor

de moda: figura de bigode e patilhas à segundo império, coroada por chapéu de pano pespontado, a projectar-se altiva da gorjeira do co-larinho à mamã; gravata escocesa de ponta larga, jaquetão trespassado de ratina azul, calças justas de listra larga na orela e botão na boca, butes com biqueira quadrada de coiro da Rússia, bengala de cana branca com castão de muleta de marfim.

[...] O que mais espantava os meus olhos beócios de criança humilde, eram as luvas, luvas de todas as cores do arco –, [...] luvas numa doba-doira, da algibeira para as mãos e das mãos para a algibeira, cuidadosamente embrulhadas uma na outra, como peúgas, com o carnaz para fora. Mudava-as como bandeiras de navio; se entrava na aula com as de cor de limão, arvorava à saída as de azul ferrete.»

Esta figura de homem, desde 1857 casado com Emília Isaura de Araújo Vieira, que lhe dará os filhos Vasco, Berta

e Maria Feliciano, termina ainda o ano lectivo de 1868, mudando-se de vez para Lisboa, onde vai ocupar, por nomeação de 1 de Agosto, vaga para oficial da Academia das Ciências. Leva consigo algum prestígio – enquanto temível folhetinista, interveniente na Questão Coimbrã e viajante ilustrado que se anunciava *Em Paris* (1868). Abria-se outro mundo.

Ernesto Rodrigues

[Adaptado de Ramalho Ortigão, *Farpas Escolhidas*. Selecção e introdução por —. Lisboa: Editora Ulisseia, 1991; 2.^a ed., colecção Verbo Clássicos, Lisboa: Editorial Verbo, 2006.]



*Coonecting Global Matters:
Culture, Education and Geopolitics*

De 30 de Julho a 3 de Agosto realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a XVI conferência bianual da World Communication Association dedicada à temática “Connecting Global Matters: Culture, Education and Geopolitics”, organizada em parceria com o CLEPUL.

Esta conferência, nas palavras de Carolyn Calloway-Thomas, Presidente da WCA (foto), procurou cultivar a humanidade, reconhecer que a comunicação intercultural é o mais importante neste século confuso e turbulento.

A Cultura, a Educação e a Geopolítica são três variáveis que estão no centro da globalização e desempenham um relevante papel na argumentação da existência de diferentes comunidades. Ao longos dos cinco dias da conferência procurou-se realçar e compreender o estado actual das dinâmicas interculturais, ao nível lo-

cal e global, a partir de diferentes perspectivas académicas e profissionais.

Nesta conferência, abordaram-se diversas ameaças e preocupações diárias, tais como a guerra, os refugiados e os apátridas, a instabilidade política, bem como a forma como podemos envolver plenamente os recursos da mente e da comunicação intercultural para a criação de um mundo mais humano.

Participaram mais de cento e cinquenta conferencistas oriundos de dezanove países, nomeadamente da Austrália, Áustria, Canadá, China, Coreia do Sul, Dubai, Estados Unidos da América, Filipinas, Finlândia, Grécia, Indonésia, Itália, Japão, Malásia, Nigéria, Peru, Portugal, Rússia e Tailândia.

As apresentações foram distribuídas por painéis subordinados aos tópicos: *Meanings, Messages, and People; Global Cultures in Transition; Discourse Patterns and*

Politeness; Culture and Education; Culture and Power; Rhetoric of Geopolitics; Intercultural Communication; Role of Metaphor, Proverbs and Idioms; Cross-cultural Communication; Immigration and Culture; Communication Apprehension; Organizational Communication; Health Communication; Gender Inequality; Literature and Communication; Media and Culture; Attitudes, Media and Intercultural Communication; Ethnicity, Images and Globalization; Intercultural Listening: A Non-Student Survey with Results; Dialogue: Intercultural, Transcultural, and Interdisciplinary Conversations; New Frontiers in Intercultural Communication Research; Listening as a Cognitive Activity; Why Tourism Matters: Connecting Intercultural Communication and Performative Pedagogy in the Communication Classroom; Korea Media, Popular Culture

and Cultural implications; In Living Color: Colorism, Power, and the Global Construction of Race; Intercultural Listening in Varied Learning Contexts: Teaching and Application; Managing the Organizational Experience of Diversity: from Public Rhetoric to Practice and Experience.

Para além das apresentações de comunicações, realizou-se o segundo ISSUES FORUM, dedicado à temática “Worrying Matters: Geopolitical and Sociocultural Challenges for the Global World”. O objectivo principal deste forum consiste em que profes-

sores, académicos, estudantes e outros profissionais discutam questões globais na perspectiva das relações interculturais e dos conflitos. Carolyn Calloway-Thomas, João Carlos Relvão Caetano, Deddy Mulyana, Judith Hoover, Melodine Sommier e Nilza de Sena foram os intervenientes nesta sessão.

A World Communication Association inaugurou, em Lisboa, o Empathy Matters Project com o propósito de promover, em todo o mundo, a alfabetização da empatia, ou seja, os conhecimentos e as habilidades baseadas na informação que ajudam

os cidadãos globais a responder e a gerir os encontros interculturais. Esta sessão contou com a participação de estudantes do ensino secundário e universitário, que abordaram a temática “Our World, our Hope”.

Findos os trabalhos, os conferencistas realizaram, de 4 a 8 de Agosto, uma visita por diversas cidades portuguesas, de forma a ficarem a conhecer um pouco mais da cultura e da história portuguesas.

A próxima conferência realizar-se-á em 2017, no Quirguistão.



CLEPUL na Feira do Livro do Porto

As obras editadas pelo CLEPUL estão disponíveis no Pavilhão 127, da Âncora Editora, na Feira do Livro do Porto, que decorre no Palácio de Cristal até 20 de Setembro.

Edição: Ernesto Rodrigues, Luís Pinheiro



O projecto “O Real em Revista”, coordenado por Gilda Santos, é promovido pelo Real Gabinete Português de Leitura e patrocinado pela Petrobras. Ao longo de diversos meses, a equipa de investigação pesquisou numerosos periódicos brasileiros e portugueses oitocentistas.

De acordo com os objectivos, o projecto prevê a descrição e digitalização de parte desse acervo, dando prioridade aos periódicos mais raros e mais deteriorados, e a sua disponibilização *online*, de forma a que estejam disponíveis para todos os interessados e estudiosos, bem como o intercâmbio com pesquisadores do Nordeste, inauguração de visitas guiadas no Real Gabinete Português de Leitura, produção e divulgação de DVDs, publicações de brochuras e livros, encontros, seminários, palestras, expo-

sições, recitais...

Até ao momento encontram-se disponíveis para consulta *online* os seguintes periódicos: *A Arte*; *A Coallisao*; *A Cruz: Seminario Religioso*; *A Epoca: Jornal de Industria, Sciencias, Litteratura e Bellas Artes*; *A Illustração Universal*; *A Lyra da Mocidade: Jornal de Poezias Ineditas*; *A Saudade*; *A Semana: Jornal Litterario*; *Aguilha em Palheiro*; *Anathema*; *Annona, ou Mixto-Curioso*; *Arte: Revista Internacional, Artes e Letras*; *As Vespas: Chronica Semanal Humorística*; *Centenario do Bom Jesus do Monte*; *Gazeta Universal*; *Hymnos e Flores. Jornal Litterario*; *Imprensa e Lei*; *Jornal das Bellas-artes*; *Mensageiro*; *Miscellanea Litteraria*; *Miscellanea Poetica, Jornal de Poesias Ineditas*; *Museo Pittoresco Historico e Litterario ou Livro Re-*

creativo das Familias; *Nova Alvorada. Revista Mensal Litteraria e Scientifica*; *O Antonio Maria*; *O Atheneu*; *O Beija-flor: jornal de Instrucção e Recreio*; *O Bico de Gaz: Semanario*; *O Camões: Semanario Popular Illustrado*; *O Christianismo: Semanario Religioso*; *O Espectro*; *O Leme: Semanario Humorístico e Noticioso*; *O Mosaico: Jornal d’Instrucção e Recreio*; *O Mundo Elegante: Periodico Semanal, de Modas, Litteratura, Theatros, Bellas-Artes*; *O Observador Lusitano em Pariz, ou Collecção Literaria, Politica e Commercial*; *O Padre Malagrida ou a Tezoira: Periodico Politico e Literario*; *O Portuguez Constitucional*; *O Portuguez ou Mercurio Politico, Commercial, e Literario*; *O Positivismo: Revista de Philosophia*; *O Uníversono Illustrado*; *Os Mystérios*

do Rio de Janeiro ou Os ladrões de casaca; Pero Gallego. Folha Literaria, Scientifica, Etc.; Pontos nos II; Revista Portuguesa; Ribaltas e Gambiarra Revista Semanal; Universo Pittoresco: Jornal de Instrucção e Recreio; Vespas - Revista Mensal, Crítica e Humorística.

Encontram-se também disponíveis para visualização três exposições com recortes temáticos extraídos da pesquisa efectuada em jornais do

acervo do Real Gabinete Português de Leitura. A primeira debruça-se sobre as homenagens prestadas ao poeta Luís de Camões na celebração do tricentenário da sua morte, a presença de Rafael Bordalo Pinheiro na imprensa brasileira e sobre os modos de vestir, reflectindo padrões estéticos e traços sociológicos oitocentistas, em contraste com os actuais. A exposição “O Rio em destaque” assinala os 450 anos da cidade

do Rio de Janeiro, destacando algumas das marcas cariocas, como os transportes, as ruas e o Pão de Açúcar como símbolo da identidade nacional. Por fim, o vídeo “Álbum virtual”, do pesquisador Luciano Caetano, relembra visitantes ilustres que ao longo dos cerca de 200 anos passaram pelo Real Gabinete Português de Leitura.

[Para mais informações aceda a www.orealemrevisa.com.br/]



**Congresso Internacional Cultura(s) em Negativo. Mitos
Negros, Antis e Mudanças Sociais
Universidade do Minho, 1 a 3 de Outubro de 2015**

Olhar a história das sociedades vivas através de uma outra ótica, a partir daquilo que chamamos a(s) cultura(s) em negativo, é o que nos propomos debater numa reunião internacional e interdisciplinar de investigadores das mais diferentes áreas do saber, tendo os Estudos Culturais por área científica de partida.

O desiderato que preside à organização deste congresso consiste em promover o estudo sistemático de todas as correntes e discursos centrados numa perceção negativa do “Outro” (p. ex., antissemitismo, anticlericalismo, antibritanismo), na história de Portugal, mas também na sua articulação com a história europeia e de outras mundividências culturais e civilizacionais. Utilizando a metáfora do negativo fotográfico, pretendemos abordar criticamente e caracterizar as mais diferentes formas de pro-

dução cultural que enquadrámos no conceito de cultura negativa.

Na realidade, a história da cultura e da mentalidade portuguesas e europeias foi e continua a ser marcada por conflitos ideológicos e sociais que têm gerado dinâmismos de confrontação de longa duração entre grupos socioculturais, etnias, religiões, géneros e classes. Fomentados por uma propaganda mais ou menos intensiva, os movimentos e grupos em oposição ao longo da História procuraram demonizar o “Outro”, isto é, fazer do adversário, que queriam combater ou mesmo eliminar, o inimigo por excelência do bem da nação, do progresso social e da libertação de um determinado jugo que pesava sobre a comunidade dos cidadãos. Essa confrontação resultante da dificuldade de acolher e aceitar o “Outro” na sua diferença em termos de mundividência,

modos de viver, acreditar e pensar, provocou importantes fraturas na sociedade e na cultura do nosso país, as quais são fundamentais para compreender as derivas da nossa história e algumas questões que ainda hoje são objeto de debate aceso.

Como acontece com as nações europeias mais antigas, a cultura e a história de Portugal conheceram numerosos discursos e práticas que antagonizavam o “Outro”. Apesar dos diferentes veículos e impactos, todos estes discursos (genericamente designáveis através do conceito de “anti”) têm recorrido a diversas estratégias para apresentar a mundividência, o estilo de vida, as crenças ou a ideologia de outros como uma ameaça aos valores positivos de cada sociedade. Na medida em que respondem a debates ideológicos em curso ou a conflitos e tensões existentes entre grupos,

classes, etnias, géneros e religiões, estes discursos são “novos”.

Com este congresso pretendemos dar um importante contributo para a análise e compreensão histórica, cultural e ideológica das imagens construídas, em forma de execração, em torno das diferentes mundivivências, modos de estar, de pensar e agir que se afirmaram culturalmente e marcaram mentalidades e comportamentos sociais.

À luz do axioma “compreender já é princípio de cura”, queremos com este congresso, de natureza científica e académica, contribuir também para uma sociedade cada vez mais plural, integradora e respeitadora do diferente, mas intolerante em relação à discriminação de todo o tipo (racial, religiosa, étnica, etc.) e a todo o tipo de opressões advenientes que ferem a dignidade humana.

[www.culturasemnegativo.net]



Congresso Internacional *Arte de Ser Português* no centenário da sua publicação

Biblioteca Nacional de Portugal, 14 a 16 de Outubro de 2015

O CLEPUL, em parceria com a Câmara Municipal de Amarante, a Biblioteca Nacional de Portugal, o Instituto de Ciências da Cultura Pe. Manuel Antunes, a Casa da Liberdade – Mário Cesariny e outras instituições, organiza o Triénio Pascoalino, ciclo de Congressos Internacionais compreendendo: “As Biografias no Pensamento Português dos

séculos XIX-XX, por ocasião dos 80 anos da publicação de *São Paulo de Teixeira de Pascoaes*”, nos dias 29, 30 e 31 de Outubro de 2014; a celebração do Centenário da publicação da *Arte de Ser Português*, nos dias 14, 15 e 16 de Outubro de 2015; e “Teixeira de Pascoaes: Pensamento e Missão. Congresso comemorativo dos 140 anos do seu nascimento

e 65 da sua morte”, em Março de 2017.

O alcance científico das contribuições do 1º Congresso Internacional, dedicado ao género literário das biografias, torna a realização do 2º Congresso Internacional um coerente prolongamento e um premente desafio lançado à comunidade académico-científica acerca dos princípios teóricos fun-

damentais da obra do autor amarantino e do pensamento português epocal e contemporâneo.

Assim, encontramos no profícuo ano de 1915 a germinação e estruturação de um manancial de possibilidades e actualizações histórico-culturais e estético-metafísicas que, pela força motriz e mitogénica de Portugal, serão incrementadas ao longo de todo o século XX.

Nesse mesmo ano, é publicada a obra de Teixeira de Pascoaes, intitulada *Arte de Ser Português*, a par, ainda, da publicação da Revista *Orpheu*, instauradora do modernismo português, pelas figuras de relevo de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro, sem esquecer outros acontecimentos que alterariam radicalmente o modo de pensar e filosofar do pensamento português e ibérico: desde a influência do criacionismo de Leonardo Coimbra até a comemoração dos 94 anos da Revista *Seara*

Nova, eivada pelas concepções democrático-racionalistas de António Sérgio.

É assim que, ao celebrar o centenário da publicação da obra supracitada de Pascoaes, exaltaremos, nos primeiros anos do século, as controvérsias entre o racionalismo, positivismo e o movimento da filosofia portuguesa, a predominância de um providencialismo messiânico, a urgência disruptiva do modernismo e, por fim, a presença de um projecto espiritual, vital e movente, do pensamento português que cruza a totalidade do século.

A forte e inextricável expressão do pensamento português que encontramos nesta obra permite-nos reintegrar o liame primordial daqueloutra unidade perdida da cultura e povo portugueses, a par de uma teoria da saudade, cujo ímpeto basilar se revela no pensamento Atlântico. A heterodoxia e profundidade do pensamento português, aliadas à premente ne-

cessidade de reinstauração da unidade singular da cultura e pensamento portugueses, marca e sela esta obra como uma das traves-mestras para colermos o fio histórico-metafísico do projecto áureo de uma patriosofia, como intenta e defende posteriormente António Quadros em *Portugal, Razão e Mistério*.

[para mais informações consulte <http://congressosobiografias-trieniopascoalino.blogspot.pt/>]

CICLO DE CONGRESSOS INTERNACIONAIS
TRIÊNIO PASCOALINO 2014 | 2015 | 2017
<http://congressosobiografias-trieniopascoalino.blogspot.pt/>

2015
"A ARTE DE SER
PORTUGUÊS"
no centenário da sua publicação

PASCOAES

2014 2017
As Biografias no Pensamento Teixeira de Pascoaes
Português dos séc. XIX-XX Pensamento e Missão

14 | 15 | 16 DE OUTUBRO DE 2015
A.C.L. - FLUL - BNP - LISBOA

Marcos do Pensamento no Século XX – I Série

Coordenação: Maria Luísa Ribeiro Ferreira e Maria Isabel Rocheta

Apresentação

A série I deste Curso Livre pretende dar a conhecer alguns nomes relevantes do pensamento do século XX no que respeita a ética, política, literatura, história e filosofia. A escolha dos autores obedeceu a dois critérios – por um lado, o inegável contributo dos mesmos para a construção de um novo paradigma cultural; por outro, a disponibilidade de especialistas que amavelmente se dispuseram a partilhar o seu saber com um público de interessados, fazendo jus ao conceito de Universidade como comunidade de ensino e aprendizagem.

Objectivos

Alargar e aprofundar o conhecimento da obra de grandes vultos no panorama mundial do pensamento do século XX

e treinar a leitura crítica de textos teóricos, em diálogo com especialistas na obra dos pensadores estudados.

Modo de funcionamento

Duas sessões por autor (módulos autónomos)

Inscrição em todo o curso ou em módulo(s) seleccionado(s) pelos interessados

Mínimo de 8, máximo de 25 participantes

Inscrições

10 a 30 de Setembro

Pagamento

Módulos:

14 € (geral); 12 € (antigos alunos e membros do CLEPUL, CFUL e SCUCP); 10 € (estudantes)

Curso Integral:

60 € (geral); 45 € (antigos alunos e membros do CLEPUL, CFUL e

SCUCP); 30 € (estudantes)

Programa

Hannah ARENDT

Viriato Soromenho Marques e Margarida Amaral

8 e 15 de Outubro, FLUL, sala 2.13

Vergílio FERREIRA

Leonel Ribeiro dos Santos

22 e 29 de Outubro, FLUL, sala D. Pedro V

Paul RICOEUR

Carlos João Correia

5 e 12 de Novembro, FLUL, sala D. Pedro V

René GIRARD

Manuel José do Carmo Ferreira

19 e 26 de Novembro, FLUL, sala D. Pedro V

Eduardo LOURENÇO

José Eduardo Franco

3 e 10 de Dezembro, FLUL, sala D. Pedro V

Informações

cursolivresclepul@gmail.com (Vanda Neves Silva)

CONFERÊNCIAS

17 de Agosto

Universidade de Santa Cruz do Sul (Brasil): Maria Antónia Jardim, “Narrativas e hermenêutica”, no VII Colóquio Nacional Leitura e Cognição / I Simpósio Internacional de Leitura, Literatura e Mídia

19 de Agosto

Universidade de Santa Cruz do Sul (Brasil): Maria Antónia Jardim ministrou o minicurso “Hermenêutica, arte literária e psicologia” e, juntamente com Vera Lúcia de Oliveira, Luiz Rufato e Pedro Teixeira da Mota, participou numa mesa com escritores no VII Colóquio Nacional Leitura e Cognição / I Simpósio Internacional de Leitura, Literatura e Mídia

5 de Setembro

Casa do Povo de Montalvão: Ana Maria Paiva Morão, “A chocalhada da Aleluia em Montalvão. Outras chocalhadas. Os caretos transmontanos e outras máscaras dos rituais de Inverno”, no Colóquio

“Chocalhos. A Arte Chocalheira Candidatura a Património Cultural Imaterial” Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett: Isabel Ponce de Leão, juntamente com Mónica Baldaque e a moderação de Zita Seabra, participou no debate “Agustina – Um Mundo Feliz?”

9 de Setembro

Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande (Brasil): Isabel Lousada, “Literatura, ideologia e história: vozes e intersecções na autoria feminina”, no I Seminário Internacional Literatura, Imaginário e Cultura / I Seminário Internacional Vozes Femininas e escritas do Eu Biblioteca Nacional de Portugal: Silvina Pereira, “Jorge Ferreira de Vasconcelos na Biblioteca Nacional”

11 de Setembro

Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande (Brasil): Fabio Mario da

Silva, juntamente com Nubia Hanciau e Luciana Jardim, participou na Mesa-Redonda “Literatura e Pensamento Feminino”, e Ana Maria Lisboa de Mello, juntamente com Ana Maria Leal Cardoso e Aimée Bolaños, participou na Mesa-Redonda “Imaginário e Feminino” no I Seminário Internacional Literatura, Imaginário e Cultura / I Seminário Internacional Vozes Femininas e escritas do Eu

12 de Setembro

Café Bar (Amarante): “Conversas no Café Bar: Essa alma pública duma vila”, mesa-tertúlia com a participação de António Feijó, Manuel Ferreira Patrício e Hermínia Vasconcelos Mota, e a moderação de Sofia A. Carvalho Salão da Junta de Freguesia de Lagoaça: Ernesto Rodrigues, juntamente com João Cabrita, participou na Conferência sobre Augusto Moreno no âmbito do Ciclo de Conferências Ilustres Desconhecidos

Auditório Municipal de Freixo de Espada à Cinta: Teresa Martins Marques participou na Conferência sobre Violência Doméstica

15 de Setembro

Universidade de Caxias do Sul (Brasil): Isabel Lousada, “Entre Marias, Ana de Castro Osório. Entre correspondências”, no VII Seminário Internacional / XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura, e Fabio Mario da Silva, “A presença feminina na obra *Memorial dos milagres de Cristo*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel”, no VII Seminário Internacional / XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura

15 e 16 de Setembro

Universidade de Caxias do Sul (Brasil): Isabel Lousada e Michelle de Vasconcelos Oliveira do Nascimento coordenaram o 16º Simpósio Temático “As escritas de si femininas: Os diários e cartas como espaços de produção literária”, no âmbito do VII Seminário Internacional / XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura

16 de Setembro

Universidade de Caxias do Sul (Brasil): Maria Eunice Moreira, “Mulheres e Literatura no Rio Grande do Sul do século XIX: história de um silêncio”; Angela Laguardia, juntamente com Cláudia Maia e Maria Inês de Moraes Marreco, participa na Mesa-Redonda “Mulheres em Letras: Vozes, Percursos e Ressonâncias”, e Ana Maria Lisboa de Mello, juntamente com Eurídice Figueiredo e Stelamaris Coser, participa na Mesa-Redonda “A participação da mulher na literatura Brasileira nos últimos 150 anos”, no VII Seminário Internacional / XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura

17 de Setembro

Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett: Quintas de Leitura: Uma Tília para Agustina, conversa com Maria do Carmo Mendes e Isabel Ponce de Leão e a moderação de Inês Meneses e leituras de Ana Zanatti, Inês Meneses, Mónica Baldaque, Cristiana Sabino, Manuela

Gomes, Mariana Abranches, Adriana Faria, Sofia de Melo Araújo, Nasalete Miranda e Marlene Ferraz

24 de Setembro

FNAC Colombo: Isabel Lousada e Sofia Carvalho, “Congressos & etc. Na via dos encontros científicos: modalidades, temáticas, interdisciplinaridade, parcerias e colaboração entre gerações”, iniciativa integrada no ciclo “Academia(s) em Interface”

25 e 26 de Setembro

Universidade Carolina de Praga: Teresa Martins Marques, Ernesto Rodrigues, Colóquio Internacional “Século XXI: Que Modernidade Hoje?”

28 de Setembro

Real Gabinete Português de Leitura: II Encontro de Pesquisadores de Cultura Oitocentista Luso-Brasileira

30 de Setembro

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sala 2.13: Jorge Vicente do Ó, “Cinema Português: um caso de amor”, iniciativa integrada no ciclo GECAPA TALKS



José Eduardo Franco recebe Medalha de Mérito Cultural

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnoticias.pt

O historiador José Eduardo Franco vai receber no próximo dia 18 de Setembro a Medalha de Mérito Cultural, a maior condecoração do país nesta área, tornando-se mesmo aos 46 anos o mais jovem português a ser distinguido com esta medalha no seu campo de trabalho, um reconhecimento do percurso do investigador madeirense, a que não terá sido certamente alheia a publicação recente da obra completa do Padre António Vieira, um trabalho alargado em 30 volumes que nunca até hoje tinha sido realizado e que é de grande importância.

Presentemente a coordenar o Aprender a Madeira, outro projecto de grande dimensão lançado pela Agência de Promoção da Cultura Atlântica e que vai culminar com a edição de um dicionário enciclopédico, o professor vai receber a condecoração numa cerimónia a decorrer no Claustro Padre António Vieira, na zona do Chiado, em Lisboa.

O professor universitário e investigador já foi distinguido em outras ocasiões. Esta medalha deverá ocupar no entanto um lugar de destaque pela relevância.

ODIÁRIO sabe que José Eduardo Franco já terá sido já contactado pela Secretaria de Estado da Cultura e que na sua lista de convidados para a cerimónia deverão estar, entre outras personalidades, o presidente do Governo Regional e os presidentes

das câmaras de Machico, de onde é natural, e do Funchal.

Apaixonado pela história, José Eduardo Franco é professor-coordenador com equiparação a professor catedrático da Universidade Aberta. É actualmente o director da CIDH – Cátedra FCT/Infante Dom Henrique de Estudos Insulares e da Globalização (Universidade Aberta/Polo do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, de que é director-adjunto e coordenador do grupo de investigação Metamorfose da Herança Cultural).

Licenciou-se em Teologia e Filosofia na Universidade Católica Portuguesa, fez mestrado em Ciências da Educação e em História Moderna em ambas na Universidade Nova de Lisboa. Doutorou-se em História e Civilizações na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de Paris, e em Cultura na Universidade de Aveiro, fazendo a sua agregação na Universidade de Lisboa em História da Cultura.

Tem mais de meia centena de obras publicadas e acredita em fazer chegar as obras dos grandes escritores ao público em geral através da compilação, sendo a do Padre António Vieira em 30 volumes, que realizou com Pedro Calafate e com uma equipa de quase uma centena de colaboradores em dois anos, um exemplo maior.

Actualmente é autor, coordenador e co-coordenador de vários pro-

**HISTORIADOR
RECEBE NO DIA 18
A MAIS IMPORTANTE
MEDALHA NESTA
ÁREA**

jectos de investigação nos domínios das Ciências Sociais e Humanas, como o Dicionário Histórico das Ordens (com o Alto Patrocínio da Presidência da República); a Obra Completa do P. Manuel Antunes em 14 volumes, projecto de levantamento da documentação portuguesa patente no Arquivo Secreto do Vaticano; o Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo; o Dicionário do P. António Vieira, bem como a tradução da sua obra completa para 17 línguas. Nos seus projectos constam ainda a Obra Completa Pombalina e do Marquês de Pombal em 32 volumes.

A par destes projectos, é conferencista, sendo presença regular eventos internacionais. Fundou com outros o Internacional Society for Iberian-Slavonic Studies e o Instituto Europeu de Ciências da Cultura P. Manuel Antunes e faz parte de dezenas de organismos ligados à investigação, à literatura e à sociologia.

“De algum modo represento uma geração de investigadores a quem foram oferecidas muitas oportunidades de formação e muito poucas de carreira, condenando-nos a viver sob um permanente horizonte de incerteza. Terrível para quem justamente almeja uma estabilidade de vida, mas com vantagens em termos de maior liberdade para aguçar o engenho e não se acomodar. Somos a geração sem futuro que mais tem construído futuro científico para o nosso país”, escreveu na Visão em Agosto de 2013.

EXPOSIÇÕES

4 de Setembro
Biblioteca Municipal Almeida Garrett (Porto):
Exposição “Agustina Bessa-Luís: vida e obra”
17 de Setembro
Sala de Exposições da Biblioteca Nacional de Portugal: “Da inquietu-

de à transgressão: eis Bocage...”, comissariada por Daniel Pires (até 31 de Dezembro)
15 de Setembro
Galeria Municipal do 11 (Setúbal): *O Livro na Época do Iluminismo*, coordenada por Daniel

Pires (até 28 de Novembro)
24 de Setembro
Átrio da Biblioteca da FLUL: “No centenário da morte de Ramalho Ortigão” (até 5 de Outubro)

***Sob o Signo do Pelicano. História do Montepio Geral 1840-2015*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015**

A obra *Sob o Signo do Pelicano. História do Montepio Geral 1840-2015*, coordenada por José Eduardo Franco e António Castro Henriques, e com a autoria de Ana Catarina Rocha e Renato Pistola, assinala os 175 anos do Montepio Geral, uma associação mutualista que assumiu ao longo de toda a sua existência um grande protagonismo na história social e económica de Portugal. Ao longo das cerca de oitocentas páginas, os autores procuraram demonstrar que o Montepio não é apenas uma instituição bancária, como comumente é conhecido, um banco, mas sim uma associação mutualista que com as suas diversidades, de onde advém a sua principal riqueza, é um marco fundamental da sociedade portuguesa. A Associação engloba, atualmente, um importante grupo económico, o Grupo Montepio, que inclui diversas empre-

sas, como, por exemplo, a Fundação Montepio, as Residências Montepio, a Lusitania, que se dedicam a áreas tão vastas como a assistência social, aos seguros, ao crédito, entre as quais se inclui a sua Caixa Económica, que em Portugal é o porta-estandarte de um segmento importante das finanças de todos os países: a banca sem fins lucrativos. Mas a Associação extravasa o campo próprio do que é financeiro, invadindo positivamente áreas tão vastas da sociedade portuguesa, das quais destacamos a área cultural, apresentando-se como um dos mais importantes mecenas da cultura portuguesa.

A história apresentada procura englobar e transmitir essa mesma diversidade, equilibrando uma sequência narrativa de ordem cronológica que não descure a necessária atenção aos aspetos estruturais, centrando-se, maioritariamente, na interação

entre mutualismo e finanças.

Para a sua elaboração, que decorreu ao longo de cinco anos, recorreu-se, primeiramente, às fontes produzidas pelos órgãos próprios do Montepio Geral, nomeadamente às Actas da Assembleia Geral, que contém, ainda que nem sempre de forma explícita e declarada, grande parte das ideias, dúvidas e decisões que determinaram a órbita da associação, aos Relatórios da Direção e aos Balanços Anuais, em especial para os períodos mais recentes, bem como aos Relatórios de Comissões e aos Regulamentos de Serviços que esclarecem aspetos pontuais da dinâmica institucional. Os Estatutos foram também alvo de grande enfoque, na medida em que representam as ambições da associação. Em segundo plano, destacam-se as monografias dedicadas ao Montepio, também elas de âmbito comemo-

rativo, designadamente as obras de Lopes de Oliveira, Vasco Rosendo e Carlos Bastien, Anabela Nunes e Nuno Valério, que empreendem um trabalho de reconstituição histórica desta instituição centenária, com a recolha de testemunhos e de dados, de aspectos mutualistas e da história bancária. Por fim, encontramos as monografias sobre temas afins.

A obra divide-se em quatro partes correspondentes a períodos distintos que se caracterizam por uma combinação específica de riscos e oportunidades aos quais a associação teve de responder, adaptando-se e modificando-se.

A primeira parte (1840-1891) analisa o crescimento inicial do Montepio durante uma meia centúria de crescimento económico lento, mas com a existência de poupança e sem grande concorrência nem regulação pública.

Na segunda parte (1891-1933), a associação beneficiou de uma posição financeira e associativa sólida, mas foi confron-

tada com grande instabilidade política e institucional, além de uma conjuntura internacional desfavorável.

A terceira época (1933-1982) corresponde a uma difícil convivência com regimes que desvalorizavam tanto a dimensão mutualista como bancária. Trata-se de concorrência na previdência por parte do Estado Novo e a alteração do regime na banca. As novas condições levavam a associação a realizar reformas profundas que alteraram o seu perfil institucional. A última destas épocas (1982-2015) define-se pela globalização dos mercados financeiros e pelas grandes modificações liberalizadoras, tanto na sociedade portuguesa como no próprio sistema bancário.

Cada uma destas partes é preenchida por três capítulos, sendo o primeiro dedicado a aspetos gerais da vida da associação, o segundo à dimensão mutualista e o terceiro aos aspetos financeiros e bancários. Na prática, o leitor com interesses mais especifi-

cos poderá optar por ler apenas estes capítulos em sequência.



No final do livro encontra-se uma série de dados referentes à história do Montepio, nomeadamente uma cronologia (1789-2015), a evolução do logótipo, a análise crítica dos estatutos, a lista dos corpos gerentes, das direções e dos departamentos, dos sócios fundadores e relações dos associados, pensionistas e empregados.

Esta obra resulta de uma colaboração do CLEPUL com instituições privadas, nomeada-

mente com o Montepio, no sentido de assegurar a transferência e a difusão do conhecimento

desenvolvido no âmbito das suas actividades.

José Eduardo Franco e Renato Pistola

Aires Gameiro, Caldos Culturais de Lusofonia e Evangelização, Lisboa, Esfera do Caos, 2015
ISBN: 978-989-680-148-9

«Com base nas suas viagens de trabalho pelos quatro cantos do mundo, acumulando relatos e apontamentos pormenorizados sobre culturas, tradições e realidades locais, o autor oferece-nos uma obra de referência para o conhecimento essencial de vários países onde os portugueses marcaram e marcam presença. Informação notável, objetiva, com sublinhados especiais acerca da identidade histórica, social e religiosa, numa escrita bem-humorada, que desde logo cativa o leitor e o torna parte integrante da reportagem, também

como viajante.» **Vera Luza [da contracapa]**

«Aires Gameiro é um escritor multimódo. A sua obra concilia a experiência de trabalho em situações limite da existência humana, na sua Ordem Hospitaleira como padre e psicólogo, com as suas múltiplas viagens pela geografia dos saberes e da vida dos povos e culturas. Este é um livro extraordinário, feito de quadros e recortes que permitem contemplar a multiculturalidade do mundo e obter uma visão intercultural dos trilhos da lusofonia.

É um testemunho vivo de como a nossa língua foi fecundadora de cultura e uma ponte ecuménica entre países, continentes e civilizações.»

José Eduardo Franco [da contracapa]



**Beata Cieszyńska, Fabio Mario da Silva, *Os Estudos de Género na Perspetiva Ibérica e Eslava*, Lisboa, CLEPUL, 2014
ISBN: 978-989-8577-35-1**

ebook disponível em http://www.lusosofia.net/textos/20150902-cieszyńska_beata_silva_fabio_mario_estudos_de_genero.pdf

Procurar dimensões ibéricas e eslavas dos estudos de género e seus objectos, significa tentar responder uma vez mais à urgência da Europa contemporânea de aproximar os seus pontos opostos enquadrada na área disciplinar “Estudos Ibero-eslavos”. [...] A monografia que os leitores recebem nas suas mãos apresenta uma evidência do interesse pelo aprofundamento dos Estudos de Género, desta vez na perspetiva ibero-eslava. Os seus capítulos mostram os estudos biográficos cruzados com a análise literária e estudos de tradução, a história diplomática com a história das mentalidades. Dominam as tentativas comparativistas focadas ou nas personagens literárias e culturais, ou em estudos de tópicos e motivos literários que colocam lado a lado as representações ibéricas e eslavas

no contexto amplo do comparatismo literário. Os textos aqui apresentados resultam da inspiração pelo debate internacional da 7ª Conferência Internacional da série anual “Culturas Ibéricas e Eslavas em Intercâmbio e Comparação”, que decorreu nos dias 7 a 9 de maio de 2013 e foi dedicada à temática “Interfaces em Estudos de Género”, bem como dos trabalhos do Grupo de Estudos de Género na Perspetiva Ibero-Eslava da Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos – CompaRes.

Nestes trabalhos abordam-se diversas perspetivas no âmbito ibérico e eslavo sobre questões de género, promovendo-se um debate intercultural através da sua contextualização histórica, conceptual e iconográfica, até à contemporaneidade.



Abrangendo variadas áreas científicas, numa perspetiva ibero-eslava, esta conferência representou a oportunidade para refletir e dialogar sobre o género e as suas implicações nas diversas áreas do saber. Estas tendências, de maneira exemplar, demonstram os textos aqui selecionados, partindo, pois, de diversas conjeturas, na sua

maioria apresentando metodologias cruzadas. As perspetivas em foco ibero-eslavo para os textos aqui reunidos terão sido: jogos de espelhos entre masculinidade e feminilidade; as teorias feministas e suas aplicações, os respetivos discursos sobre mulheres e da autoria das mulheres;

a expressão do Género na perspetiva individual e coletiva; as marcas biográficas e lugares das mulheres na história; as questões de tradução e expressão linguística nas vozes femininas e masculinas; os cruzamentos de Estudos de Género com as Ciências e as Artes; os caminhos de

mitificação do feminino, sobretudo nos discursos religiosos e entre o *sacrum* e o *profanum*; o lado sociológico em estudos de Género, sobretudo nos lugares das mulheres na sociedade, etc. **(excerto da Introdução)**

***A Chave dos Profetas. Livro Primeiro, Segundo e Terceiro,*
Lisboa, Temas e Debates, 2015
ISBN: 978-989-644-378-8**

«A *Clavis Prophetarum* é um tratado teológico-político sobre a justiça e a paz universais e constitui uma das obras mais importantes do Padre António Vieira, valorização por ele várias vezes sublinhada.

Nesta obra apresentamos a sua interpretação das profecias bíblicas, pelo confronto de autoridades pró e contra em plano de sólida erudição, orientando o debate no sentido de uma conceção escatológica da história, consumada na unidade em Cristo de todos os povos e nações,

cuja pluralidade e grandeza haviam sido finalmente estabelecidas, ao longo dos séculos XV e XVI, por ação dos portugueses, com início na passagem do cabo de Não.

Por isso estamos perante uma obra que por vezes se revela de difícil leitura, plenamente integrada na sua formação escolástica, movendo-se com manifesta destreza pelo emaranhado das opiniões dos doutores católicos no que concerne aos tópicos que concentram o essencial do sentido da aventura

humana no tempo e na Eternidade.

O seu ponto de partida assenta nas teses de que Cristo foi Rei enquanto Homem, em sentido espiritual e temporal, e que Rei permaneceu depois de entregar o espírito na cruz; que o fundamento mais importante do poder régio temporal de Cristo é a justiça e a paz; e que a consumação do seu Reino, tanto no espiritual como no temporal, quer dizer a paz universal que abarcará a vida dos povos nos últimos séculos da história, fora

já anunciada pelos profetas, postando-se à cabeça o profeta Daniel, a interpretação do sonho de Nabucodonosor, ao anunciar “um reino que não será jamais dissipado” (Dn 2, 44), isento dos fatores de corrupção dos demais impérios do tempo.

Este império, ou Reino de Cristo consumado na Terra, seria a expressão da unidade entre os homens e, não sendo eterno, na sua dimensão terrena, como eterna não era a história, teria uma duração que na tradição do *Apocalipse*, atribuído a S. João (Ap 20, 1-5), se estenderia por mil anos, como forma de referir não a medida exata da sua duração, mas uma secular longevidade, como era comum aos movimentos e correntes milenaristas. [...] se realizou o alto propósito do Padre António Vieira que era o de comprometer os homens com os princípios cristãos, estabelecendo ao mesmo tempo uma clara articulação entre a dignidade humana e o bem comum dos povos. Para ele, não poderia ser ou-

tro o sentido da aventura dos homens no tempo e na história, pois apenas esse estaria à altura da bondade de Cristo, e só este poderia tornar o homem capaz de Deus e da eternidade.»

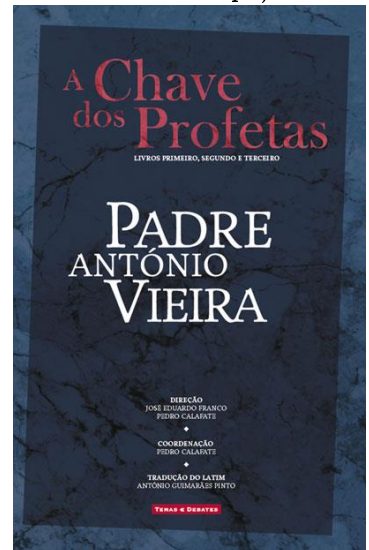
[excerto da introdução de Pedro Calafate]

«Vieira é todo certeza de Deus e do projeto de Deus para o tempo [...]. O seu messianismo não é a espera sem fim de alguma coisa que nunca chega, mas a estrutura da fé no aqui e agora do seu presente. Hoje, quando o mundo capitalista fracassou, *A Chave dos Profetas* é talvez um desses fósseis de uma esperança que não temos mais [...]. Quem sabe possa ser a metáfora de outra coisa que desejamos, postos nesse fim de linha da barbárie iluminista, outra coisa que não conhecemos e ainda não veio» **(João Adolfo Hansen, texto da contracapa)**

«*A Chave dos Profetas* é a obra maior de Vieira e aquela em que o grande orador investiu mais tempo, mais inves-

tigação, mais reflexão, mais razão e mais paixão. É também uma das obras mais originais e mais generosas do pensamento utópico português que merece figurar entre as maiores do pensamento universal da Época Moderna» **(José Eduardo Franco, texto da contracapa)**

«*A Clavis Prophetarum* é um tratado teológico-político sobre a justiça e a paz universais e constitui uma das obras mais importantes do Padre António Vieira» **(Pedro Calafate, texto da contracapa)**



**Helena Malheiro, *A Matéria dos Sonhos*, Lisboa,
Chiado Editora, 2015
ISBN: 978-989-51-4268-2**

A Matéria dos Sonhos é um livro sobre a fronteira entre o Real e o Imaginário, aquela linha tão ténue em que caminhamos permanentemente sem saber de que lado nos situamos e que nos fascina e aterroriza ao mesmo tempo porque o sonho e a realidade se contaminam sempre a ponto de nunca sabermos onde acaba um e começa o outro, como afirmaram Shakespeare ou Pessoa cujas frases coloquei em epígrafe porque andaram dentro de mim a ecoar durante meses e me fizeram descobrir o título deste livro: “We are made of the stuff that dreams are made of”, “É O que eu me sonhei que eterno dura”. A mesma contaminação entre vida e sonho, que descreve Jorge Luís Borges em “A Flor de Coleridge”:

“Se um homem atravessasse o Paraíso num sonho, e lhe dessem uma flor como prova de que lá tinha estado, e se ao

acordar encontrasse essa flor na sua mão?”

ou Sophia, a incomparável Sophia, para quem o poema sacralizado se torna ele mesmo a “respiração do real, o ser e o aparecer das coisas, a aparição imanente do ser no seio da aparência”. Como se o outro lado, o lado escondido da existência, saísse do véu de sombra em que se encontra mergulhado e se revelasse aos poucos, invadisse a realidade e desabrochasse para a vida, através do poder encantatório do sonho, ou da poesia, que é uma forma de sonho, porque representa o desvendar de um segredo, a verdade mais profunda e inacessível.

Entre a realidade e o sonho, entre a prosa e a poesia se situa pois este meu livro de fronteira. Entre a arte e a vida. Entre o ser e o não ser. Entre o infinito amor que acaba sempre por tomar o lugar do sangue dentro do corpo e a solidão de uma dor

devastadora e cruel. Entre o esplendor e a revolta. Entre o encanto e a mágoa. Entre a harmonia e a multiplicidade que tudo invade progressivamente até se tornar insustentável porque põe em causa a própria identidade. Entre o presente e as várias memórias que compõem o passado. Porque este é também um livro sobre os múltiplos tempos e as múltiplas identidades de que somos feitos e que nos atemorizam porque nos ultrapassam sempre com as suas várias camadas de máscaras e de mistério. Por vezes parece que nada vai sobreviver neste caos desmedido de palavras e de gestos, contaminados por outros já passados que teimam em regressar, mas através da poesia que é a suprema forma de realidade, vamos chegando a nós próprios, vai-se desvendando devagar a essência escondida das coisas que regressa quando

tudo parece ter acabado: “Há sobretudo uma mulher que se está a impor desalmadamente dentro das minhas páginas e isso angustia-me. Parece que não tenho mão nela, escapa-me por entre os dedos, por entre os fios das palavras, por entre as minhas linhas escritas no caderno preto a tinta azul escura, uma mulher desconhe-

cida que no entanto às vezes se parece terrivelmente comigo, que por instantes julgo reconhecer e não sei como nem quando me cruzei com ela. Apareceu há dias a deambular nos meus parágrafos e agora já não consigo livrar-me dela. Parece ocupar cada vez mais espaço dentro do livro, como se me quisesse colocar para fora

dele, sim, como se me quisesse empurrar para fora da minha própria história. Começo a sentir algum receio pelo espaço enorme que ela tem vindo a ocupar dentro de mim. A sua presença está-se a tornar desmedida e extremamente tirânica, dominadora.” **Helena Maheiro**

“Diálogo sem limites”

Oitava Conferência da Associação Internacional de haiku

Tóquio 4-6 de Setembro de 2015

A Meiji University acolheu poetas de haiku de 14 países que partilharam com os colegas do Japão o desejo de descobrir o segredo do pequeno poema. Foram três dias de leitura de poemas em várias línguas e de troca de ideias e de emoções. O equilíbrio entre leitura de poemas, comunicações, música e dança contribuiu para a conferência tornar-se numa festa de amizade e de inspiração. Os representantes das Associações de haiku de Mongólia e de Vietnam eram os mais numerosos, para além dos poetas ja-

poneses. Portugal foi representado por Casimiro de Brito, membro do júri do primeiro concurso para melhor haiku, Leonilda Alfarrobinha, que ganhou o terceiro lugar neste concurso, e Zlatka Timenova, convidada como representante da Bulgária e de Portugal.

No segundo dia, Zlatka Timenova apresentou a sua comunicação em francês, intitulada “Haiku, couleur de femme” que foi traduzida para japonês. Durante as sessões de leitura, Zlatka Timenova leu os seus poemas

em búlgaro, português, francês e inglês. Eis um exemplo de haiku inspirado por Lisboa

Старият град
сградите гледат
отвъд времето

Cidade velha
os edifícios olham
além do tempo

O evento teve boa cobertura mediática. Todas as sessões de leitura foram filmadas. Uma equipa da rádio entrevistou e filmou a maioria dos participantes para elaborar um filme que vai ser disponibilizado nas embaixadas de vários países.